



Revista Cocar. Edição Especial. N.44/2025 p. 1-15

ISSN: 2237-0315

Dossiê: Razão, filosofia, arte e cultura: a formação humana em debate

Literatura, marxismo e formação humana: uma leitura da obra 1984 de George Orwell

Literature, Marxism, and human development: a reading of George Orwell's 1984

Joana Peixoto
Marivan dos Santos Lima
Instituto Federal de Goiás (IFGO)
Goiânia - Goiás

Resumo

A literatura é uma forma de conhecimento, indo além de visões reducionistas que a restringem ao irracional ou ao imaginário. O marxismo a considera um meio privilegiado para compreender o movimento sócio-histórico em sua totalidade. Ao contrário de perspectivas que negam seu caráter crítico, a arte literária revela-se um instrumento de análise concreta das contradições sociais. Neste artigo produzimos uma leitura de “1984”, obra de George Orwell, explorando a incompatibilidade entre uma sociedade baseada na opressão, alienação, controle e vigilância e a formação humana, aquela que enfatiza o desenvolvimento das capacidades humanas universais.

Palavras-chave: Controle e vigilância social; Literatura de ficção científica; Tecnologia.

Abstract

Literature is a form of knowledge, going beyond reductionist views that restrict it to the irrational or the imaginary. Marxism considers it a privileged means of understanding the socio-historical movement in its totality. Unlike perspectives that deny its critical nature, literary art proves to be an instrument for the concrete analysis of social contradictions. In this article, we present a reading of “1984”, by George Orwell, exploring the incompatibility between a society based on oppression, alienation, control, and surveillance, and human formation, which emphasizes the development of universal human capacities.

Keywords: Social control and surveillance; Science fiction literature; Technology.

Tão radical quanto a realidade: algumas considerações sobre a arte do ponto de vista marxista

A arte compõe a história humana. Embora tenha as suas próprias leis de desenvolvimento, a história da arte também reflete as transformações fundamentais que moldam a sociedade humana. Neste artigo, apresentamos um estudo sobre a arte na sociedade capitalista, sob a perspectiva marxista.

Propomos uma discussão da arte como produto de um processo de trabalho específico: ela torna material o domínio subjetivo da produção mental, através da aplicação de trabalho criativo concretoⁱ. Assim, não é possível compreender o desenvolvimento da arte apenas do ponto de vista biológico, psicológico ou genético. Uma das diferenças mais fundamentais entre os seres humanos e outras espécies é precisamente a importância da cultura, que não é herdada, mas aprendida, principalmente através da linguagem. É a cultura que nos torna o que somos. Mas, foi a mão que criou o cérebro, e não o contrário (Engels, 1990). A humanidade se desenvolveu através do trabalho e da produção de ferramentas, e essa é uma atividade social, não individual. O desenvolvimento da cultura, então, depende do desenvolvimento das forças produtivas, sendo, portanto, um fenômeno social.

A viabilidade de qualquer sistema socioeconômico depende, em última análise, do desenvolvimento das forças produtivas. No entanto, o desenvolvimento humano não pode ser reduzido à economia, porque a relação entre a base econômica e a superestrutura ideológica não é simples e direta, mas dialética e contraditória (Marx; Engels, 2019; Marx, 2011).

Em uma carta a Paul Ernst, Engels reiterou sua advertência contra uma interpretação dogmática do materialismo histórico:

Quanto à tentativa, empreendida pelo Sr., de tratar a questão em realce de modo materialista, devo, antes de tudo, dizer-lhe, que o **método materialista** converte-se em seu oposto, se não é tratado como **fio condutor na investigação histórica**, mas sim como **molde prefabricado, segundo o qual são recortados os fatos históricos** (Engels, 2007, s/p, grifos do autor).

Assim como as leis que regem o desenvolvimento social devem ser derivadas de um estudo meticuloso da realidade. Qualquer tentativa de esclarecer o desenvolvimento da arte deve ser resultado de um estudo objetivo do próprio assunto. Desta forma, a análise marxista da relação entre arte e desenvolvimento econômico não tem nada em comum com a determinação econômica vulgar.

A produção artística reflete o modo de produção e as relações de classe correspondentes, com todas as suas inúmeras manifestações jurídicas, políticas, religiosas, filosóficas e estéticas. As ideias, opiniões e concepções das pessoas se alteram a cada mudança nas condições materiais de vida. No entanto, a relação entre esses elementos não é imediata. A relação da arte com o desenvolvimento das forças produtivas não é simples e direta, mas dialética e contraditória. “Na arte, é sabido que determinadas épocas de florescimento não guardam nenhuma relação com o desenvolvimento geral da sociedade, nem, portanto, com o da base material, que é, por assim dizer, a ossatura de sua organização.” (Marx, 2011, p. 62)

A arte expõe as contradições do sistema social. A teoria marxista, então, atribui à arte tanto um status epistemológico — ela é conhecimento — quanto um papel social — ela serve tanto para manter a ordem política estabelecida quanto para perturbá-la.

Como atividade social específica, a arte que se configura como trabalho, constitui o processo de formação humana. Como é marcada pelas contradições do modo de produção capitalista, a atividade artística é produtora e produto de formas de opressão, mas por outro lado e simultaneamente, encarna uma pré-configuração concreta da emancipação humana. Esta proposta possibilita romper com duas concepções esquemáticas de prática artística: não é a pura emancipação absoluta que alguns defendem, um reduto da liberdade e da beleza em uma sociedade insana, mas também não é simples efeito da base econômica e social.

Embora e, especialmente porque - sob o capitalismo ela é impelida a permanecer como consumo de uma elite, excluída das massas e sujeita à influência degenerativa do mercado – a arte é instrumento que tem sido apresentado como algo místico, difícil e totalmente inacessível às massas. Como nos indica Trotsky (2025, s/p):

A arte é uma das formas através das quais o homem encontra uma orientação no mundo; nesse sentido, o patrimônio artístico não difere do patrimônio científico e tecnológico, e não é menos contraditório. No entanto, ao contrário da ciência, a arte é uma forma de conhecer o mundo não como um sistema de leis, mas como um conjunto de imagens e, ao mesmo tempo, como um meio de inspirar certos sentimentos e estados de espírito (tradução nossa).

Segundo Trotsky (2025), a arte não se limita aos estados de espírito (aos sentimentos), mas expressa uma "cognição da realidade". Assim, ela é tanto um "meio de conhecimento" quanto uma expressão estética ou formal.

Assim, a arte não se limita a reproduzir o mundo tal como este nos aparece, desvelando a sua essência contraditória. O propósito da arte não é apenas retratar as coisas como elas são ou parecem ser. A arte nos permite penetrar além do mundo das aparências, descortinando múltiplas determinações.

Consideramos, então, que a literatura – dentre as diversas linguagens que constituem a arte - possibilita identificar as contradições particulares a cada período e das próprias formas de arte, movendo-se entre capacidades criativas e destrutivas do capitalismo. No atual cenário político global, observamos que recrudesce o projeto de massificação, autoritarismo, controle e vigilância humana. A literatura de ficção científica aborda esses temas de forma recorrente, a partir dos quais evidenciamos três elementos: a arte, a tecnologia e a formação humana.

Neste artigo discutiremos a obra 1984, de George Orwell, com o objetivo de apresentar aspectos do universo futuro trazidos pelo autor que permitem compreender a incompatibilidade entre o desenvolvimento humano (Vigotski, 2015) e uma sociedade baseada na vigilância e no controle. Em 1984 (Orwell, 2021; 2022)ⁱⁱ, nos deparamos com uma sociedade baseada na censura e controle cultural, imaginativo e produtivo; na redução ou anulação da individualidade; no controle educativo e comportamental e na vigilância dos cidadãos, em nível coletivo, social e individual. Ao nosso ver, esta organização social e a formação política a ela correspondente é radicalmente incompatível com a formação humana na perspectiva marxista, aquela que enfatiza o desenvolvimento das capacidades universais do ser humano (Saviani; Duarte, 2010)

1984: arte como instrumento de controle e vigilância

A literatura, assim como a arte em geral, liga o particular ao universal e vice-versa numa relação de reciprocidade. Todas as nossas ações são condicionadas, embora não tenhamos consciência disso. As produções intelectuais são fundamentalmente condicionadas pelo ambiente social e cultural no qual tomam forma. Uma das razões do interesse que temos pelos personagens de uma obra literária deriva do fato de que representam para nós mais do que apenas a si mesmos. Eles carregam experiências humanas historicamente situadas, contradições e conflitos sociais que ultrapassam sua individualidade ficcional.

A produção da leitura de uma obra de ficção científica (do mesmo modo que de outros gêneros literários) é compreendida de forma articulada às tendências e condições do artista

que a produziu, às tendências ideológicas e estéticas predominantes e ao contexto social e histórico pelo qual a obra é determinada e no qual foi produzida.

A criação artística representa um aspecto particular da consciência humana, com características e padrões de desenvolvimento próprios. No entanto, essa consciência artística não é de forma alguma uma coisa em si mesma e, em última análise, também compõe a consciência geral da sociedade. De fato, se não fosse assim, o artista seria incapaz de se comunicar com seus semelhantes. A arte de um determinado período ressoa objetiva e subjetivamente nas pessoas porque reflete seus sentimentos mais íntimos, suas aspirações e seu estado de espírito. A arte de um período é tão radicalmente diferente da de outros períodos porque surge de um ambiente social diferente.

A literatura de ficção científica também se constitui numa forma essencial de conhecimento. Ao contrário de perspectivas metafísicas, que tentam confinar a arte literária ao domínio do imaginário ou do irracional, o marxismo a comprehende como uma via privilegiada para apreender o processo sócio-histórico em sua complexidade.

Nem tudo precisa ser verdadeiro em um relato utópico para que possamos dizer que ele nos ensina algo: nele encontraremos, por exemplo, indicações perspicazes sobre a psicologia das massas e das classes dominantes. Utopias e distopias são conhecimentos na medida em que exibem nossas formas de vida e a gramática dos conceitos que organizam nosso mundo. Elas revelam que o que contribui para moldar o mundo dos homens é um conjunto de regras e que um mundo de regras não pode, por natureza, ser perfeitoⁱⁱⁱ.

Em 1984 (Orwell, 2021; 2022), o tema principal é a deriva totalitária de um regime político que, graças ao avanço tecnológico, espiona sua população em todos os seus movimentos. A lavagem cerebral contínua, a propaganda reiterada dia e noite, a perseguição incessante do partido e a eliminação dos dissidentes são algumas das práticas utilizadas pelo todo poderoso Partido da Oceania. Numa sociedade assim, escrever um diário é um ato de resistência, e o simples fato de pensar livremente é considerado loucura. Para consolidar seu domínio e vigiar sua população, o Partido da Oceania emprega diferentes artefatos tecnológicos, incluindo uma miríade de telas que não só inundam a sociedade com propaganda, mas também permitem uma vigilância extremamente eficaz de cada indivíduo.

As expressões faciais (e, consequentemente, as emoções), o ritmo cardíaco e a respiração das pessoas são analisados a qualquer momento do dia e podem motivar a prisão do chamado “criminoso do pensamento”. Assim, o totalitarismo se torna a marca registrada, da lenta metamorfose da vida social em uma sociedade policiada, despolitizada e sem história. A ordem política - não tão eficiente no controle das vontades - exerce o poder por meio de uma espécie de prótese da administração das coisas em um regime de automatismo generalizado.

A sociedade em 1984 (Orwell, 2021; 2022) é totalmente controlada por meio de uma articulação entre arte, formação e tecnologia. Essa articulação tem como efeito a supressão da individualidade, a negação da memória histórica e a anulação (ou a tentativa de anulação) das possibilidades de resistência. A estruturação social visa moldar sujeitos conformados e limitados pelas imposições do Partido da Oceania. O controle não se dá apenas pela aparência formal. A força é um elemento primordial, mas a manipulação simbólica reorganiza os cidadãos do ponto de vista objetivo e subjetivo.

Winston - personagem da obra - é um funcionário do Ministério da Verdade, no qual trabalha reescrevendo registros históricos para adequá-los às versões oficiais do Partido da Oceania. Quando está sendo investigado pelos agentes do Estado, ele é incitado a duvidar de sua própria memória, negar a realidade e aceitar as verdades impostas. Durante o interrogatório ao qual é submetido, especialmente naqueles conduzidos por O'Brien - do Ministério do Amor, Winston é submetido a torturas com a intenção de destruir sua capacidade cognitiva, evidenciando que a dominação pode consolidar-se tanto no plano material quanto na subjetividade e na reprodução social.

Em 1984, a arte é reduzida à propaganda e à vigilância, sendo dominada pelo Estado como uma ferramenta importante para moldar as percepções coletivas, reforçando a lógica do Partido da Oceania. O Departamento de Registros e o Departamento de Ficção centralizam toda a produção cultural, sendo responsáveis pela criação de obras que corroboram com as ideias do Partido e pela destruição daquelas consideradas um risco ao sistema.

Havia toda uma cadeia de departamentos separados que lidavam com literatura, música, teatro e entretenimento proletário em geral. Aqui eram produzidos jornais sensacionalistas contendo quase nada, exceto esporte, crime e astrologia, ou ainda novelinhas sensacionais de cinco centavos, filmes que transpiravam sexo e canções sentimentais que eram compostas inteiramente por meios mecânicos em um tipo especial de caleidoscópio conhecido como versificador^{iv}. Havia até mesmo uma subseção inteira – chamada Pornosec em Novalíngua – envolvida na produção do tipo

mais baixo de pornografia, que era enviada em pacotes selados e que nenhum membro do Partido, a não ser aqueles que trabalhavam nisso, tinha permissão para ver. (Orwell, 2022, p. 93)

A função da arte, então, não é mais expressar a experiência humana, mas oculta-la apagando a história e manipulando o imaginário social. Marx e Engels (2019) nos permitem compreender esse processo ao demonstrarem que a classe dominante, em cada momento histórico, impõe suas ideias como universais, utilizando a arte e a produção cultural como instrumento para a manutenção da ordem.

A arte, na obra 1984 (Orwell, 2021; 2022), busca cumprir essa função: ao invés de evidenciar as contradições presentes na sociedade, ela reafirma a ideologia vigente. Na sociedade de Orwell, a produção artística pode ser compreendida pela categoria fetichização da mercadoria, na qual a distância entre o indivíduo e o produto do trabalho – representada pela figura do versificador – ocultam as relações de produção e permitem compreender a mercadoria como produtora de valor. Trata-se então de uma forma de fetichização, já que as produções são descoladas do trabalho humano e seu caráter tanto político quanto ideológico é ocultado.

Foi uma das inúmeras canções similares publicadas para o benefício dos proles por uma subseção do Departamento de Música. As palavras destas canções foram compostas sem qualquer intervenção humana com um instrumento conhecido como versificador^v. Mas a mulher cantava com tanta afinação que transformava o lixo horrível em um som quase agradável (Orwell, 2022, p. 295)

Quando a arte deixa de ser mediação da experiência humana, pode tornar-se, como em 1984, instrumento eficaz para a alienação e o controle. A tecnologia, nesta sociedade, é outro elemento que tem sua natureza histórica e social ocultada, sendo utilizada como meio para dominação. O Partido da Oceania utiliza a tecnologia como dispositivo central de vigilância, por meio das teletelas^{vi}. O suporte da tecnologia torna possível a manipulação da memória, o controle da subjetividade e a automatização da cultura.

As teletelas feriam seus ouvidos dia e noite com estatísticas provando que as pessoas de hoje tinham mais comida, mais roupas, casas melhores, recreações melhores – que viviam mais tempo, trabalhavam menos horas, eram maiores, mais saudáveis, mais fortes, mais felizes, mais inteligentes, melhor educadas, do que as pessoas de cinquenta anos atrás. Nem uma palavra disso poderia ser provada ou desmentida (Orwell, 2022, p. 159-160).

A manipulação tecnológica das informações cumpre a função de naturalizar as verdades da classe dominante, apagando os fatos históricos e as possíveis contradições

quando estas são percebidas pelos indivíduos. O passado é então convertido em objeto manipulável e submetido à ordem vigente. As experiências transmitidas, as tradições culturais constituem um elemento fundamental para a consciência de classe, já que por meio dela é possível compreender as lutas, as formas de resistência e as condições de exploração.

O domínio sobre o passado pelo Partido destrói as condições para que as classes dominadas reconheçam suas condições e as superem. Sendo assim, apagar documentos, reescrever biografias, criar canções modificadas, falsificar registros e dados estatísticos não é somente uma alteração do passado, mas também do futuro.

A tecnologia é empregada como ferramenta primordial para controle da população, tanto nos quesitos citados – na formação do imaginário social por meio da arte, da história e das informações atuais – quanto de forma clara e objetiva, controlando a ação e monitorando os indivíduos. Os objetos técnicos tornam-se extensões do poder do Estado – representados pelas teletelas – deixando a população sobrecarregada de informações e acuada pelo medo constante da vigilância, já que era impossível saber em qual momento a Polícia do Pensamento estaria conectada.

Saber a frequência, ou com qual sistema, a Polícia do Pensamento se conectava a uma determinada escuta era pura adivinhação. Era até possível conceber que eles observavam a todos o tempo todo. Mas, de qualquer forma, eles podiam se conectar à sua escuta sempre que quisessem. Você tinha que viver – e vivia, com um hábito que se tornou instinto – na suposição de que todo som que fazia era ouvido, e, exceto na escuridão, todo movimento era scrutinado (Orwell, 2022, p. 10).

A vigilância é o núcleo da dominação por meio das teletelas, dos Departamentos, do Grande Irmão^{vii} e da autocensura constante. Essa crítica manifestada por Orwell parece distante, mas Zuboff (2020) atualiza a crítica inerente ao universo proposto por Orwell em 1984, ao abordar a dominação no século XXI. A autora denomina capitalismo de vigilância o modelo de organização social no qual dados pessoais são captados por empresas e plataformas privadas globais, com o intuito de exercer uma dominação ideológica e, sobretudo, de converter dados em mercadorias - informações utilizadas para capturar consumidores e ampliar o mercado de consumo em países mais pobres. Assim como em 1984, a técnica é, muitas vezes, apropriada pelas classes dominantes para manutenção das relações de dominação e exploração. Podemos deduzir que a vigilância não é resultado natural do avanço tecnológico, mas expressão das relações sociais vigentes.

A formação dos sujeitos no enredo de 1984 materializa-se pelo controle da linguagem com a criação da Novilíngua, que é concebida para limitação cognitiva e redução da capacidade crítica dos indivíduos.

“A décima primeira edição é a edição definitiva”, disse ele. “Estamos deixando a língua em sua forma final – a forma que ela terá quando ninguém falar mais outras línguas. Quando tivermos terminado, pessoas como você terão que aprender tudo de novo. Você pensa, ouso dizer, que nosso trabalho principal é inventar novas palavras. Mas não se trata disso! Estamos destruindo palavras – dezenas delas, centenas delas, todos os dias. Estamos cortando a linguagem até o osso. A Décima Primeira Edição não conterá uma única palavra que se tornará obsoleta antes do ano 2050” (Orwell, 2022, p. 110-111).

Vigotski (2015) afirma que o desenvolvimento humano é indissociável da linguagem, pois ela medeia o indivíduo e o meio social. Sendo assim, o pensamento existe individualmente, entretanto a situação comunicativa é concretizada por intermédio das palavras e seus significados. Quando o Partido diminui as possibilidades linguísticas para a comunicação das ideias e pensamentos, ele diminui também a capacidade de elaboração conceitual e crítica.

Além da capacidade intelectual reduzida, o Partido atua na formação dos indivíduos desde a escolarização, moldando-os em escolas e organizações juvenis. A lógica da obediência é tão internalizada, que as crianças denunciam seus próprios pais. Isto porque, também as crianças são incentivadas a denunciar qualquer desvio à doutrina como mostrar desinteresse pelos discursos do Partido da Oceania, usar palavras ou gestos que remetam ao passado, expressar interesse romântico de forma descontrolada, dentre outros.

Era quase normal que as pessoas com mais de trinta anos tivessem medo de seus próprios filhos. E com razão, já que não passava uma semana sem que o jornal The Times publicasse um parágrafo descrevendo como um bisbilhoteiro – a frase que normalmente se usava era “herói mirim” – tinha ouvido alguma observação comprometedora e denunciado seus pais à Polícia do Pensamento (Orwell, 2022, p. 54-55).

Esse aspecto da educação dos jovens relaciona-se com a anulação do individualismo, desfavorecendo o desenvolvimento de relações afetivas e familiares, e favorecendo a massificação e a lealdade à figura representante do Partido, o Grande Irmão. A moralidade é construída por uma junção de medo e condicionamento.

Em síntese, a sociedade em 1984 (Orwell, 2021; 2022) transforma a arte, a tecnologia e a formação em instrumentos que se relacionam com o intuito de dominar ideologicamente os indivíduos e manter o poder da classe dominante. Marx e Engels (2019) destacam o papel

da ideologia de ocultar as contradições sociais, controlando a produção de ideias e a formação cultural.

Formação humana num mundo em que as palavras são vigiadas?

No presente, verificamos: (i) a ação contínua por câmeras em espaços públicos e privados para prevenir e evitar comportamentos considerados inadequados; (ii) a valorização estética e pecuniária de obras artísticas por critérios algorítmicos que priorizam o engajamento dos artistas e do lucro dos investidores; (iii) a padronização de processos e materiais educativos, cuja replicabilidade diminui os gastos. Esta semelhança entre o presente e o universo orwelliano foi razão de nossa escolha de 1984 (Orwell, 2021; 2022) como inspiração para discutir a formação humana na sociedade totalitária.

Expomos aqui a crítica da obra aos governos totalitários com tendências autoritárias. Mas precisamos destacar que apesar de válida, tal crítica é parcial. Pois, embora alerte quanto às sociedades de controle, a obra não expõe as relações entre economia, política e Estado, para propor uma luta política que promova uma ruptura efetiva e permita superar concretamente a manipulação de uma classe sobre outra. Em outras palavras, mesmo denunciando as estruturas de dominação em geral – não como exclusividade de um regime, mas uma constante em sistemas autoritários de opressão –, defende a tese que o problema reside no sistema que reduz o indivíduo a um instrumento do poder.

Na obra, os regimes totalitários não são consequência de processos econômicos, sociais e ideológicos: eles são produto da vontade maléfica de líderes particulares. Entretanto, a criação humana individualmente não é capaz, por si só, de explicar ou modificar a emergência de determinados fenômenos históricos. Os mundos totalitários combinam de maneira singular o pesadelo e a realidade: tudo nesse mundo é irreal, mas é impossível, mesmo para o mais poderoso dos tiranos, substituir inteiramente a realidade por suas ficções.

Em outras palavras, o regime totalitário que conhecemos na obra de Orwell não nos aparece como resultado de processos determinados social e historicamente, mas antes de tudo como produtos da imaginação e da vontade humana. O universo totalitário ali retratado não representa um pesadelo apenas para seus habitantes: esses mundos são delirantes até mesmo para seus próprios governantes. Quanto mais alto é o cargo, maior é a chance de sobreviver, desde que se participe ativamente de alguma forma de irracionalidade. Nesta

perspectiva, a superação do regime totalitário estaria na neutralização da vontade e do desejo de seus governantes.

Conforme vemos, Orwell nos oferece uma brilhante viagem pelo totalitarismo como um conjunto de sistemas políticos em expansão, cuja presença e efeitos ainda podem ser observados na contemporaneidade. Entretanto, essa bela e singular ficção não é (e, segundo o nosso entendimento e nossa base epistemológica de análise, não pretendeu ser) um modelo que representa a essência do totalitarismo enquanto forma de relação social, que produz e é produzida pelas condições objetivas de produção e reprodução das condições de vida de sujeitos sociais em contextos e condições particulares.

Na obra 1984, a sociedade totalitária traduz a cultura política hegemônica liberal que toma o totalitarismo como uma abstração e não como uma realidade concreta historicamente construída. Fruto da índole cruel e impiedosa de indivíduos, e não da disputa entre interesses de classes sociais antagônicas, o totalitarismo exerce de forma eficaz a exploração e a manipulação de sujeitos docilizados. Assim se configura um quadro que pode nos confundir: a domesticação sistematizada aniquila a individualidade e iguala os dominados numa massa. A concepção liberal dos regimes totalitários dialoga com a concepção individualista (entretanto, paradoxalmente massificada).

Essa concepção individualista carrega o paradoxo na anulação de laços coletivos horizontais (família, amigos etc.) formando assim, indivíduos isolados que substituem esses laços pelos verticais (instituições ou figuras superiores, no caso da obra: a figura do Grande Irmão). Sujeitos isolados, destituídos de autonomia formam uma massa que sustenta a dominação de determinada classe sobre outra.

Esse paradoxo entre o isolamento dos indivíduos e a massificação coercitiva ganha ainda mais força quando observamos sua relação com a Novilíngua. Ao restringir o vocabulário e controlar a linguagem, o Partido elimina a possibilidade de comunicações autênticas entre os indivíduos com a pretensão de controlar o pensamento.

O propósito do Novoidioma não era apenas fornecer um meio de expressão para a visão de mundo e os hábitos mentais adequados [...] e sim bloquear todos os outros modos de pensamento. A intenção era, quando o Novoidioma fosse adotado de uma vez por todas e o Velhodioma caísse no ostracismo, tornar um pensamento herético [seria] literalmente impensável, pelo menos na medida em que o pensar depende das palavras. Seu vocabulário foi construído de modo a dar uma expressão exata e com frequência muito sutil, a todos os significados que um membro do Partido poderia querer expressar adequadamente, ao mesmo tempo em que excluía todos os outros sentidos. (Orwell, 2021, p. 322, grifos nossos)

O processo de manipulação radical da linguagem é um obstáculo aos processos educativos. A consciência humana se forma pela superação de determinações imediatas do meio, através da dinâmica pela qual o desenvolvimento de formas superiores do pensamento invista o sujeito particular das características que o humanizam, que lhe permita ser reconhecido como ser humano genérico universal (Saviani e Duarte, 2010). “A intenção era tornar o discurso, em especial sobre algum tema não neutro ideologicamente, o mais independente possível da consciência.” (Orwell, 2021, p. 331)

O processo histórico de constituição do humano pelo conhecimento é dialético. Há relações recíprocas entre conhecimento e pensamento humano. Em 1984, há indícios da compreensão da necessidade da consciência (lá denominada como lucidez) como forma de preservar o patrimônio cultural acumulado pela humanidade.

Ele [Winston] era um fantasma solitário expressando uma verdade que ninguém jamais ouvira. Mas, enquanto a expressasse, de algum modo obscuro a continuidade não seria interrompida. Não era se fazendo ouvir e sim permanecendo lúcido, que você levava adiante da herança humana (Orwell, 2021, p. 35).

Em outras palavras, a formação humana, na perspectiva histórico-ontológica, demanda a mediação da linguagem. Pois esta possibilita a internalização das formas superiores de pensamento, pela apropriação dos conhecimentos historicamente sistematizados (Saviani e Duarte, 2010).

A condensação do vocabulário é uma estratégia poderosa de controle e de vigilância do comportamento por meio do pensamento em 1984:

Algumas palavras funcionavam como cobertores e as acobertavam, abolindo-as. Todas as palavras que se agrupavam ao redor dos conceitos de liberdade e igualdade, por exemplo, estavam contidas na palavra única *pensamentocrime*, enquanto todas as palavras que se agrupavam ao redor dos conceitos de objetividade e racionalismo foram contidas na palavra única *pensantigo*. (Orwell, 2021, p. 328, grifos do autor)

A palavra vigiada tem a intenção de “impor sobre a pessoa que as empregava a atitude mental desejada.” (Orwell, 2021, p. 326). A redução do léxico acarreta a falta de palavras para nomear as contradições, por exemplo. A dominação presente na obra sustenta-se na eliminação do movimento que constitui a base do pensamento humano. O que pode objetar as relações entre o singular (indivíduo) e o universal (social).

A arte sofre uma espécie de redução funcional, mas, dialeticamente – por contradição e movimento – o regime totalitário não consegue moldar completamente a vida humana. Como num passeio, quando Winston se depara com uma loja de antiguidades e adquire uma

pedra de coral, que deveria ter sido um peso de papel. Ele fica embevecido, não tanto pela beleza, mas pela antiguidade e inutilidade daquela peça. Ele guarda o prazer de apreciar objetos antigos e canções populares, juntamente com Júlia com quem vivencia uma relação amorosa, outra contravenção aos princípios do Partido da Oceania.

A contradição move a história e por isso nos parece fundamental identificá-la mesmo em meio a uma sociedade real ou ficcional totalitária. No entanto, na contemporaneidade nos vemos em situação semelhante à 1984, à medida que governos autoritários buscam distorcer ou reduzir conceitos fundamentais com o intuito de manipular o pensamento dos cidadãos. Conceitos como democracia, liberdade de expressão, liberdade, justiça são usurados e redefinidos. Vemos assim, uma modificação não apenas semântica dos conceitos, mas política que tem como finalidade perpetuar a alienação e ocultar as contradições sociais vigentes. Neste contexto: palavras vigiadas, pensamento controlado, comportamento alienado são incompatíveis com a formação humana.

Referências

ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem.** 4 ed. São Paulo: Global Editora, 1990.

ENGELS, Friedrich. **Carta de Friedrich Engels a Paul Ernest.** 5 de junho de 1890. Outubro 2007. Disponível em: <http://www.scientific-socialism.de/FundamentosCartasMarxEngels050690.htm>. Acesso em: 16 ago. 2025.

MARX, Karl. **Grundrisse.** Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboço da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl. **O capital.** Crítica da economia política. Livro I. O processo de produção do capital. 2 ed. São Paulo: Boitempo; 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Editora Vozes, 2019.

MARXISM. **Culture and socialism.** [Reprodução de artigo intitulado “On culture”, publicado por Leon Trotsky em 1926]. 2025. Disponível em: <https://marxist.com/culture-and-socialism.htm>. Acesso em: 21 ago. 2025.

ORWELL, George. **1984.** Traduzido por Karla Lima. Jandira: Tricaju, 2021.

ORWELL, George. **1984.** Tradução de Gisele Eberspächer. Gazeta do Povo, 2022. 638 p. Disponível em: <https://multimidia.gazetadopovo.com.br/media/info/2022/202209/1984/e-book-1984.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2025.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton. A formação humana na perspectiva histórico-ontológica. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 15, n. 45, p. 422-590, set./dez 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/yXjXQvzWfhSp5VNhX6KqKLh/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 ago. 2025.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

Notas

ⁱ A distinção entre trabalho concreto e abstrato é importante na economia política marxista. O trabalho concreto é o trabalho real — fabricar cadeiras, cortar cabelo, construir pontes etc. — realizado pelos trabalhadores e que resulta num produto, mercadoria ou serviço distinto. O trabalho abstrato é o trabalho em geral, não específico de nenhuma atividade em particular. O trabalho concreto é sempre necessário para satisfazer as necessidades humanas, tanto a nível individual como coletivo. O trabalho concreto é medido pelo tempo cronológico. O trabalho abstrato é medido de acordo com o valor que produz. O trabalho como mercadoria expressa a relação social entre seus componentes concreto e abstrato como a “dupla natureza do trabalho assalariado”. O trabalho abstrato é a fonte do valor e da mais-valia, é o gasto sem forma historicamente determinado do trabalho humano envolvido na produção de mercadorias (Marx, 2017).

ⁱⁱ Para este artigo, recorremos a duas traduções distintas da obra, devidamente referenciadas ao final.

ⁱⁱⁱ Um mundo governado por regras não alcança a perfeição porque as próprias regras são produtos históricos, formuladas por sujeitos imersos em uma realidade contraditória e marcada por antagonismos de classe. As normas jurídicas, morais e políticas não surgem de uma racionalidade pura ou de um consenso universal, mas das lutas materiais e ideológicas entre grupos sociais com interesses antagônicos. Assim, as regras refletem e perpetuam as contradições da sociedade que as criou, não transcendendo os limites estruturais do seu tempo.

^{iv} Mais um elemento ficcional que nos remete ao mundo real contemporâneo: o uso de dispositivos da chamada inteligência artificial para a produção de música, filme, obras de artes plásticas, tem se colocado como um dos temas de polêmica.

^{vi} As teletelas são dispositivos tecnológicos que funcionam simultaneamente como meio de comunicação e de vigilância. São dispositivos acoplados às residências e que não podem ser desligados, ficando dia e noite passando informações aos moradores e captando tanto a imagem quanto os sons do ambiente.

^{vii} O Grande Irmão é a figura que representa o Partido da Oceania. Ele é tanto um símbolo político quanto ideológico. Sua imagem é exposta em cartazes, moedas, slogans e transmissões. Não aparece na obra como um indivíduo concreto, mas como representante da autoridade do Estado. Podemos tomá-lo como alegoria ao Big Brother, figura contemporânea para representar a vigilância contínua.

Sobre as autoras

Joana Peixoto

Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Paris VII. Docente no Programa de Pós-Graduação Acadêmico em Educação do IFG, atuando na linha de pesquisa: Teorias educacionais e práticas pedagógicas. Professora colaboradora no Mestrado Profissional em

Educação Para Ciências e Matemática no IFG. Uma das líderes do Kadjót - Grupo Interinstitucional de Estudos e Pesquisas sobre as relações entre as tecnologias e a educação. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC Goiás (gestão 2010 - 2012). E-mail: joana.peixoto@ifg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9769-9107>

Marivan dos Santos Lima

Mestranda em Educação no Instituto Federal de Goiás - câmpus Goiânia orientada pela doutora Joana Peixoto na linha: Teorias Educacionais e práticas pedagógicas. Participa do Grupo de Pesquisa do Kadjót - Grupo Interinstitucional de Estudos e Pesquisas sobre as relações entre as tecnologias e a educação. É graduada em Letras - Português e Espanhol pela Universidade Paulista (2022). Cursou Especialização em Linguagens, suas tecnologias e mundo do trabalho na Universidade Federal do Piauí.

E-mail: marivanlimao8@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1416-3981>

Recebido em: 05/11/2025

Aceito para publicação em: 27/11/2015